

EMPATHY: MICE IN THE SINK**Bekoff, M.; Pierce, J.*

A importância da empatia para as relações morais e sociais dos seres humanos é matéria de problematização em múltiplas áreas da Filosofia há bastante tempo. Apesar disso, a questão da empatia comumente não recebe a mesma atenção filosófica quando a temática em pauta gira em torno das relações morais e sociais estabelecidas entre membros de espécies distintas. E é exatamente esse tópico que Marc Bekoff e Jessica Pierce almejam explorar em “*Empathy: Mice in the Sink*”, quarto capítulo de sua obra intitulada *Wild Justice: The Moral Lives of Animals* (2009).

Bekoff possui o título de Professor Emérito de Ecologia e Biologia Evolutiva pela University of Colorado, Boulder. Suas principais áreas de atuação são: comportamento animal, etologia cognitiva e ecologia comportamental. Dentre os seus mais de vinte livros publicados e editados, destacam-se: *Encyclopedia of Animal Rights and Animal Welfare* (1998), *Minding Animals: Awareness, Emotions, and Heart* (2002), *Animals Matter: A Biologist Explains Why We Should Treat Animals with Compassion and Respect* (2007), *The Animal Manifesto: Six Reasons for Expanding Our Compassion Footprint* (2010). Por sua vez, Pierce é uma bioeticista e escritora norte-americana. Suas obras mais conhecidas são: *The Ethics of Environmentally Responsible Health Care* (2004), publicado com Andrew Jameton, *Contemporary Bioethics: A Reader with Cases* (2009), em coautoria com George Randels, e *The Last Walk: Reflections of our Pets and the End of Their Life* (2012).

O subtítulo do capítulo analisado, “camundongos na pia”, diz respeito a um acontecimento testemunhado por CeAnn Lambert, Diretora do *Indiana Coyote Rescue Center*. Dois camundongos filhotes ficaram presos em uma pia na garagem da casa de Lambert. Ela decidiu colocar uma pequena vasilha com água para que ambos pudessem beber. Um dos dois filhotes conseguiu fazê-lo, enquanto o outro parecia estar cansado e aterrorizado demais para sair do canto em que se refugiava. O camundongo que estava em melhores condições acabou encontrando um pedaço de comida. Ele carregou o alimento até o filhote enfraquecido, porém mantendo uma pequena distância, de modo que sempre que o outro

* BEKOFF, M.; PIERCE, J. **Wild Justice: The Moral Lives of Animals**. Chicago: The University of Chicago Press, 2009. p.85-110.

tentava morder a comida, esta era empurrada em direção à vasilha com água. Eventualmente, o filhote mais fraco não só conseguiu se alimentar, mas igualmente beber um pouco de água e deixar a pia. Uma vez narrado o evento, Bekoff & Pierce questionam: Haveria aquele pequeno animalzinho demonstrado uma forma de empatia?

Como explicam Bekoff & Pierce, empatia é a capacidade de perceber e sentir a emoção de outra pessoa. O termo empatia foi cunhado no século XX para traduzir a palavra alemã *Einfühlung* (*feeling into*). Tal termo foi primeiramente empregado no campo artístico com referência à capacidade de uma pessoa de se identificar mentalmente com um objeto de contemplação – seja uma pintura ou uma composição musical –, e, a partir disso, compreendê-lo. Subsequentemente, “empatia” foi adotada pela Psicologia para designar a capacidade de apreender as emoções de uma pessoa e de responder com sensibilidade e oferecer ajuda, se necessário.

Os autores ressaltam que a noção de empatia, por não apresentar consenso em diversas áreas de estudo, pode gerar confusão. Filósofos e pesquisadores da biologia evolutiva, por exemplo, empregam as palavras “empatia” e “altruísmo” de maneira distinta. Enquanto os primeiros se dedicam a escrever especialmente sobre simpatia e altruísmo, os últimos ocupam-se principalmente com a empatia. Outra confusão muito comum é a que ocorre entre esses dois termos. “Simpatia” é definida pelos autores como “sentir por” e “empatia” como “sentir com”. Sentir simpatia por alguém não envolve, necessariamente, compartilhar a emoção do mesmo, mas sentir empatia sim.

Outros pesquisadores, na tentativa de esclarecer e definir o que vem a ser empatia, sugerem que a mesma não se resume a um único comportamento, mas a uma classe inteira de padrões comportamentais. Tal classe não apenas apresenta vários níveis de complexidade, mas também se manifesta em diferentes espécies. Na sua forma mais simples, empatia se manifesta na forma de imitação corporal (*body mimicry*) e contágio emocional, as quais são respostas fisiológicas automáticas. Em um nível acima, encontram-se comportamentos mais complexos, como empatia emocional e ajuda direcionada (*targeted helping*). Outro comportamento ainda mais complexo é a empatia cognitiva – a capacidade de sentir e entender a emoção de outra pessoa. Por último, a empatia no seu nível mais elevado manifesta-se quando um indivíduo consegue adotar completamente a perspectiva de outra pessoa fazendo uso de sua imaginação (atribuição).

De acordo com os autores, alguns cientistas negam que animais sejam capazes de empatia. Isso se deve ao fato de que tais cientistas compreendem a empatia como a habilidade de tomar a perspectiva de outra pessoa. Em outras palavras, eles desconsideram que há outras

formas menos complexas de comportamento empático, como as citadas anteriormente. A capacidade de imaginar como o outro se sente pode até ser encontrada somente em humanos, todavia, há sólidas evidências de que incontáveis animais exibem, no mínimo, as formas mais simples de empatia.

Deveras, em adição ao relato inicial de Lambert e muitos outros casos similares, diversos estudos científicos apontam que roedores são, de fato, capazes de demonstrar empatia. Sabe-se, por exemplo, que camundongos se tornam mais sensíveis à dor e outros estímulos nocivos quando veem membros de sua espécie sofrer. Pesquisadores especulam que, em situações de enorme estresse, camundongos possivelmente se valem de sinais visuais (*visual cues*) para produzir respostas empáticas, algo que se diferencia significativamente de sua comunicação olfativa habitual. Em realidade, roedores são capazes de manifestar os chamados “*witnessing effects*” – i.e., grande aumento na frequência cardíaca e pressão sanguínea ao observar membros de sua espécie ser mortos. Tal comportamento também é visto em outros mamíferos, sobretudo, macacos e seres humanos.

Por sua vez, elefantes são seres extremamente empáticos. Eles não apenas apresentam um grande afeto entre si e os membros de seu grupo social, mas igualmente exibem uma profunda empatia para com animais moribundos – sejam estes de sua espécie ou não. Elefantes auxiliam membros de seu círculo social que estejam feridos, partilham comida e água, e são até mesmo capazes de mudar seus hábitos alimentares, caso isso seja necessário para ajudar um companheiro enfraquecido. Além disso, elefantes não só sentem um imenso pesar pela morte de outros, mas também são capazes de ficar de luto pela perda de um membro da manada. De fato, quando elefantes criam laços sociais estreitos com rinocerontes – algo já documentado –, eles também irão entrar em luto devido à morte de um companheiro rinoceronte. Ainda, elefantes demonstram interesse e curiosidade por corpos e ossadas – um comportamento que se acredita ser partilhado apenas com os seres humanos.

Menos controverso parece ser o caso das habilidades empáticas de macacos e primatas. Experimentos conduzidos em laboratório com macacos rhesus revelaram que estes podem deixar de comer por um longo período de tempo se com isso eles forem capazes de evitar causar dor a outro macaco. Outros estudos destacaram que macacos filhotes que crescem privados de contato social com membros de seu grupo ou de suas mães, acabam se tornando socialmente inábeis. Pesquisas com macacos-diana mostraram que esses animais podem ensinar novas habilidades práticas (e.g., táticas para obter alimentos) para membros de seu grupo sem que isso lhes traga quaisquer benefícios individuais. Ademais, no que concerne aos estudos realizados com primatas, em particular, os grandes símios (chimpanzés, bonobos

e humanos), estes evidenciam a presença de formas de empatia cognitivamente muito mais complexas e avançadas quando comparados a animais de outras espécies. De fato, ações consolativas de ordem empática parecem ser uma característica exclusiva dos grandes símios. Tal comportamento é claramente exibido, por exemplo, quando um animal (espectador) consola outro após uma luta, ou quando se busca uma forma alternativa de reconciliação.

De acordo com Bekoff & Pierce, a descoberta dos neurônios-espelho, há mais de uma década, possibilitou uma revolução no modo como os cientistas concebem a conexão entre o cérebro e o comportamento empático. Pesquisas sugerem que neurônios-espelho estão ligados à manifestação de empatia, como se eles fossem portais para a mesma. Tais neurônios são ativados quando uma ação ou emoção é observada ou imitada. O ato de bocejar quando se observa alguém bocejando, por exemplo, ocorre devido ao disparo de neurônios-espelho durante a observação do bocejo. Esses neurônios estão ligados não apenas à imitação de ações, mas também à leitura de intenções e emoções. Por seu turno, a imitação de uma emoção acontece principalmente através da leitura de expressões faciais. Conforme salientam os autores, embora diversas pesquisas tenham conectado neurônios-espelho à empatia em humanos, ainda pouco se sabe a respeito de uma possível conexão em animais de outras espécies.

Por último, não obstante as admiráveis façanhas resultantes de um comportamento empático, Bekoff & Pierce ressaltam que a empatia é um traço evolutivo. E a evolução nada mais é do que um balanço entre custos e benefícios, cujo resultado final é o sucesso reprodutivo dos indivíduos. Tendo isso em vista, há de se mencionar ao menos dois dos principais custos que a empatia pode trazer para os seres vivos. O primeiro possível malefício da empatia se refere ao “eu expandido”. Quando um animal (humano ou não) está emocionalmente ligado a outros seres, ele partilha das experiências emocionais alheias (e.g., medo, estresse, ansiedade) e é igualmente afetado pelas mesmas. Tais emoções demandam atenção cognitiva e metabólica, fazem com que o indivíduo perca a concentração em outras tarefas importantes, além de resultar na liberação de cortisol no corpo, o “hormônio do estresse”. Uma quantidade excessiva de cortisol no sangue pode prejudicar as funções cognitivas, diminuir a imunidade do indivíduo, entre outros custos. Em segundo lugar, a empatia também pode acabar sendo nociva para aqueles que são alvo dela. Quanto maiores são as capacidades empáticas dos indivíduos, mais aguçada se torna a sua habilidade de ler expressões faciais, detectar nuances no tom de voz, distinguir mensagens olfativas, etc. Ou seja, em uma sociedade demasiadamente empática, os altos níveis de transparência e

intersubjetividade poderiam tornar a comunicação honesta uma norma, o que diminuiria as chances dos indivíduos de esconder seus sentimentos e intenções.

*Gabriel Garmendia da Trindade*¹

*Ana Paula Foletto Marin*²

¹ Doutorando em Global Ethics no Centre for the Study of Global Ethics, Department of Philosophy – University of Birmingham (U.K.). Bolsista de Doutorado Pleno no Exterior da CAPES/University of Birmingham. E-mail: garmendia_gabriel@hotmail.com

² Mestranda em Philosophy of Health and Happiness, Department of Philosophy – University of Birmingham (U.K.). E-mail: apfmarin@gmail.com